

SOCIEDADE E A SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO LGBT+

Suelen de Oliveira Maas
suelenomaas@gmail.com
Luciana Elisabete Savaris

RESUMO: O ser humano necessita de relações para sobreviver e se caracterizar enquanto indivíduo. A individualidade existe dentro dos grupos, em diferentes variações, porém as relações devem ser mantidas, sendo características essenciais para a sociedade se manter (LANE, 2006, p. 14). Diante disso, existem grupos que correspondem ao esperado socialmente, considerados majoritários, e os grupos que saem da conformidade, sendo as minorias. Estes são subgrupos que não detêm o poder, sendo excluídos de questões sociais, têm acesso limitado a direitos pelo grupo majoritário e passam por discriminação e preconceitos (CHARLES, 1971). A população majoritária tem um pensamento dominante, construído de forma sócio-histórica (LANE, 2016). A população LGBT+ iniciou sua luta com as feministas, em 1970 no Brasil e busca, até hoje, ter seus direitos garantidos perante a sociedade excludente (REIS, 2018). **Percurso Teórico:** de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a revisão de literatura consiste em recolher informações de conhecimentos já existentes, como obras científicas, filosóficas e outras sobre o assunto estudado. Optou-se por essa forma de pesquisa por permitir ao pesquisador coletar o maior número de dados bibliográficos. A sigla LGBT é internacionalmente conhecida. Representa as pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, tendo o caráter de defesa dos direitos humanos e sexuais dessa população. O símbolo (+) representa as demais denominações sexuais, identidades e expressões de gênero não contempladas nas letras iniciais e buscam, também, a emancipação e direito de ser (PERES E TOLEDO, 2011; REIS, 2018; SÃO PAULO, 2014). Ser LGBT+ suscita muitas questões que podem confundir o entendimento da sexualidade. Como, por exemplo, o que é sexo biológico, orientação sexual e identidade de gênero? O sexo biológico corresponde ao órgão sexual que é designado pela biologia. O gênero é culturalmente construído sobre o sexo biológico, determinando que ter vulva é ser mulher e se portar de tal forma, e ter pênis é ser homem e se portar de forma correspondente ao seu órgão sexual (REIS, 2018; SÃO PAULO, 2014). A identidade de gênero corresponde a identificação ou não com o sexo biológico. Dentro desta, destacamos as pessoas cisgênero que se identificam com seu sexo biológico. E as pessoas transgêneros que não se identificam, podendo ser um homem trans (nasceu com vulva, se identifica como homem) ou mulher trans (nasceu com pênis, se identifica como mulher) (REIS, 2018; ANJOS, 2000). A orientação sexual refere-se a propensão do indivíduo sentir atração afetiva, sentimental ou sexual por outro do sexo oposto, mesmo sexo ou diferentes sexos. Aqui entram as siglas LGB, por exemplo, ser Lésbica é se identificar como mulher e gostar de mulheres; ser Gay é se identificar como homem e gostar de homens; ser Bissexual é gostar de homens e mulheres (REIS, 2018; ANJOS, 2000). Expressão de Gênero é a marcação de gênero feita pela cultura, delimitando as formas de expressão frente ao mundo (BUTLER, 2018). Sendo assim, a sociedade espera que os sujeitos se enquadrem em papéis de gênero, que condizem com um comportamento determinado sócio-histórico e culturalmente construído, esperado de homens e mulheres (SÃO PAULO, 2014). Percebem-se, na sociedade, formas diversas de discriminação que colocam a população LGBT+ na obscuridade, como é o caso da criação da “ideologia de gênero”. Uma construção dos setores conservadores e fundamentalistas, dizem que

ser LGBT+ é induzir a destruição da família tida como tradicional, fazer apologia à pedofilia e ao fim da ordem natural de gêneros. Com isso negam as discriminações sofridas, bem como a violência sofrida pelas mulheres (REIS, 2018). De acordo com Santos (2010) se espera do homem a virilidade e da mulher a sensibilidade. Porém, os comportamentos não são naturais ao ser humano, não tendo uma relação causal lógica (SÃO PAULO, 2014). É ressaltado que “meninas que gostam de futebol não são necessariamente lésbicas!” e que “meninos que gostam de balé não são necessariamente gays!” (SÃO PAULO, 2014, p. 13). Segundo Wolff e Saldanha (2015), construiu-se culturalmente um padrão de normalidade vinculada a heterossexualidade e o que difere disso é considerado desviante. Nesse sentido, a forma de expressão de gênero aceita pela sociedade é delimitada por uma heterossexualidade compulsória, ou seja, masculino e feminino são aceitos como um binarismo, no qual o macho – porta o pênis – deve performar como o masculino, assim como, a fêmea – possui vagina – deve se portar como a representação feminina (BUTLER, 2018). Temos ainda, o conceito de heteronormatividade que condiz com uma norma social estabelecida para a padronização do comportamento heterossexual, que seria tido como o único válido dentro do meio social e cultural (REIS, 2008). De acordo com Bento (2008), a argumentação da heterossexualidade como única prática normal, fundamenta a discriminação e o preconceito. De acordo com Peres e Toledo (2011), o que existem em comum na vida de pessoas homossexuais são os processos de estigmatização, dificultando e impossibilitando seus direitos. Esses processos levam ao adoecimento psíquico dos sujeitos, podendo resultar em questões de ansiedade e depressão (PAVELTCHUK; BORSA, 2018). Ao pensar as discriminações e violências sofridas pela população LGBT+, os autores trazem que “um ambiente social hostil parece promover efeitos negativos na saúde mental de membros de grupos marginalizados” (PAVELTCHUK; BORSA, 2018, p. 48). **Conclusão:** tendo em vista que o ser humano necessita conviver com seus pares, ter relações e vivências grupais e que a sociedade produz a marginalização e discriminação da população LGBT+, gerando diferentes tipos de sofrimentos psíquicos e até mesmo problemas mais graves, como a depressão e ansiedade. Por isso, se faz necessário construir diálogo social sobre a população LGBT+, quebrando paradigmas e pensamentos LGBTfóbicos. Construindo uma sociedade que aceita e respeita as diferenças e particularidades de cada ser humano. O ambiente acadêmico é uma oportunidade para iniciar o diálogo sobre a população LGBT+ e propiciar um lugar seguro. Bem como, a psicoterapia deve ser um ambiente seguro e acolhedor, primando pelos princípios éticos.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde Mental, LGBT+, Sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, T.S.M. O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. **Faces da História**, Assis-SP, v.4, n.2, p. 58-72, jun-dez, 2017.

ANJOS, G. Identidade Sexual e Identidade de Gênero: subversões e permanências. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 2, n.4, jul/dez 2000, p. 274-305. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n4/socn4a11.pdf>. Acesso em: 03.jun.2020.

BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

BOSI, M.L.M.; MELO, A.K.S.; CARVALHO, L.B.; XIMENES, V.M.; GODOY, M.G.C. Determinantes sociais em saúde (mental): analisando uma experiência não

governamental sob a ótica de atores implicados. **Rev Bras Epidemiol Suppl D.S.S.** 2014; 126-135 [Internet]. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v17s2/pt_1415-790X-rbepid-17-s2-00126.pdf. Acesso em: 03.jun.2020.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CHAVES, L.G.M. Minorias e seu Estudo no Brasil. **Rev. C. Sociais.**, vol. II, n.1, 1971. Disponível em: http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v2n1/rcs_v2n1a8.pdf. Acesso em: 13.mai.2020.

DIETER, C.T. **As Raízes da Homossexualidade, os Avanços no Campos Jurídico e o Prisma Constitucional.** 2012. Disponível em: http://www.ibdfam.org.br/_img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012_04_2012.pdf. Acesso em: 03.jun.2020.

GERHARDT, T.E; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LANE, S.T.M. **O que é Psicologia Social.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

PAVELTCHUK, F.O.; BORSA, J.C. Homofobia internalizada, conectividade comunitária e saúde mental em uma amostra de indivíduos LGB brasileiros. **Revista Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 37, p. 47-61 / 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6155>. Acesso em: 19.set.2020.

PERES, W.S.; TOLEDO, L.G. Dissidência Existenciais de Gênero: resistências e enfrentamento ao biopoder. **Psicologia Política**, vol. 11, n. 22, 2011, p. 261-277.

REIS, T., org. **Manual de Comunicação LGBTI+.** 2.ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

SÃO PAULO, Secretaria de Justiça e da Defesa da Cidadania. **Diversidade Sexual e a Cidadania LGBT.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.

WOLFF, C.S.; SALDANHA, R.A. Gênero, sexo, sexualidade: categorias do debate contemporâneo. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, 2015. Disponível em: www.esfoce.org.br. Acesso em: 07.set.2020.